

A MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA NA OBRA “POEMAS DE TERREIRO E ORIXÁS”, DE CYRO DE MATTOS

Bruna Luísa de Sá Teles Mendes (UNEB)

brunasatelesmendes120@gmail.com

Gildecil de Oliveira Leite (UNEB)

gildecil.leite@gmail.com

RESUMO

O presente estudo analisa a presença da mitologia afro-brasileira na obra “Poemas de terreiro e orixás”, de Cyro de Mattos (2019). Desenvolvida no âmbito do subprojeto de Iniciação Científica “Literatura de axé de Cyro de Mattos em ‘Poemas de terreiro e orixás’” e do projeto “Xangô, a corte de orixás, inquices e voduns: experiências poéticas e narrativas”, coordenado pelo Professor Doutor Gildecil de Oliveira Leite, a pesquisa busca explorar como os mitos dos orixás são representados na referida obra poética. Assim, a análise considera acontecimentos e características referentes aos orixás tendo como operador teórico o conceito de Literatura de Axé, fundamentada na teoria de Leite (2018). Logo, utilizamos uma abordagem qualitativa baseada em textos teóricos e recortes do livro. Com isso, espera-se promover a valorização e a preservação da cultura afro-brasileira e afro-baiana, respeitando os aspectos sagrados e os segredos da tradição.

Palavras-chave:

Cyro de Mattos. Literatura de axé. Poemas de terreiro e orixás.

RESUMEN

Este estudio analiza la presencia de la mitología afrobrasileña en la obra “Poemas de Terreiro y Orixá” de Cyro de Mattos (2019). Desarrollada en el marco del subproyecto de Iniciación Científica “Literatura Axé de Cyro de Mattos en ‘Poemas de terreiro y orixás’” y del proyecto “Xangô, la corte de los orixás, inquices y vodú: Experiencias Poéticas y Narrativas”, coordinado por el profesor Gildecil de Oliveira Leite, la investigación busca explorar cómo se representan los mitos de los Orixás en la obra poética mencionada. Así, el análisis considera eventos y características relacionados con los Orixás, utilizando el concepto de Literatura Axé como operador teórico, con fundamento en la teoría de Leite (2018). Por lo tanto, utilizamos un enfoque cualitativo basado en textos teóricos y extractos del libro. Su objetivo es promover la apreciación y la preservación de la cultura afrobrasileña y afrobahiana, respetando los aspectos sagrados y los secretos de la tradición.

Palabras clave:

Cyro de Mattos. Literatura axé. Poemas terreiros y orixás.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a presença da mitologia afro-brasileira na obra de Cyro de Mattos, “Poemas de terreiro e orixás” (2019). Além disso, aqui será explicado o conceito de mito, a que se refere a uma

narrativa primordial. Adentrando em temas como a mitologia afro-brasileira, a literatura de axé de Cyro Mattos, é feita a análise das características dos orixás que aparecem na referida obra literária.

Assim, ao final deste artigo os leitores poderão entender e conhecer os aspectos da mitologia afro-brasileira e afro-baiana através das características e personalidades de alguns orixás que aparecem em “Poemas de terreiro e orixás” (2019).

2. Alguns conceitos: Mitologia afro-brasileira e Literatura de axé

Para entender o que venha a ser a literatura de axé é necessário compreender a palavra mito pela qual se refere à mitologia afro-brasileira. De início quando ouvimos ou vemos essa palavra já a associamos à mentira, algo que não é real. Mas neste caso, mito é tido como “uma narrativa primordial”¹. Leite (2007) descreve que, “o conceito de mito aqui utilizado é de verdade, narrativa verdadeira, pois se há alguém que acredita na narrativa e ela serve como modelo para determinada ou determinadas sociedades, grupos, comunidades, não cabe chamá-la de mentira.” (Leite, 2007, p. 96)

Sobre a mesma perspectiva, Everardo Rocha (2012) comenta:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmo, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais. (Rocha, 2012, p. 7 *apud* Leite, 2024, p. 3)

A partir dessas duas contribuições, percebe-se que mito é visto como algo verdadeiro. Dessa forma, para aqueles que acreditam os mitos têm um grande significado e são narrativas que ajudam a entender a realidade dos sujeitos. Logo, a mitologia afro-brasileira vai explicar os comportamentos, crenças e características da cultura negra, desempenhando um papel importante na cultura e na identidade dessas comunidades. Assim, “[...] através de mitos, a religião fornece padrões de comportamento que modelam, reforçam e legitimam o comportamento dos fiéis” (Verger, 1957, 1985b *apud* Prandi, 1997, p. 16).

No texto intitulado por “Autores e autoras de axé”, Gildeci de Oliveira Leite (2018) relata a importância dos autores e autoras de axé para a valorização das culturas negras, a permanência e ancestralidade afro-brasileira. Esses autores sabem que existe uma dinâmica que nem tudo pode ser falado ou divulgado, eles preservam os segredos.

¹ Citado no artigo de Leite (2007, p. 96)

O fato é que mesmo com as normas e regras rígidas de aprendizagem e de acesso ao conhecimento sagrado negro, identificamos uma categoria que nomeio de "Autores de Axé". Esses autores transformaram parte da estrutura social, inserindo valores da cultura e mitologia afro-brasileira na sociedade através da ciência e das artes. (Leite, 2018, p. 137)

A literatura de axé baseia-se na mitologia afro-brasileira, “respeitando as origens de seus diversos elementos constitutivos” (Leite, 2024, p.12). Portanto, segundo Leite (2024) ser um escritor de axé é mostrar o autoperfencimento sobre a cultura negra, sendo capaz de descrever sobre o tema e suas representações. Além disso, não é necessário ter “o critério da exclusividade da cor da pele em favor do compromisso” (Leite, 2024, p.14). Vale ressaltar, a importância do escritor manter o awó, o segredo. Apesar de Cyro de Mattos não ser considerado um escritor de axé, sua obra “Poemas de terreiro e orixás” (2019) evidencia um compromisso com os valores, símbolos e fundamentos da religiosidade afro-brasileira. Embora não seja negro, sua produção literária reforça a ideia defendida por Leite (2024), de que o perfencimento e o compromisso ético com a cultura não depende da cor da pele. Logo, Cyro de Mattos escreve com respeito, sensibilidade e consciência sobre a cultura negra.

3. *Biografia do autor: Cyro de Mattos*

Cyro de Mattos é contista, romancista, cronista, poeta, ensaísta e organizador de antologia², além de ser um jornalista e advogado aposentado. Ele nasceu em Itabuna, no Sul da Bahia, em 31 de janeiro de 1939. Seus livros foram publicados no Brasil e também no exterior. É membro efetivo da Academia de Letras da Bahia e do Pen Clube do Brasil. Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Cyro de Mattos é conhecido pela grande quantidade de obras já publicadas, em diferentes tipos de gêneros textuais, como: contos, poesias, novelas, crônicas e literatura infanto-juvenil. Segundo dados coletados³, no Brasil foram publicados 52 livros e no exterior 14 publicações. Alguns de seus livros: “Os brabos” (1979); “No lado azul da canção” (1984); “Os recuados” (1987); “O goleiro Leleta” (2005); “Poemas escolhidos” (2007); “Roda da Infância” (2009); “As criações de Adonias Filho” (2017); “Poemas de terreiro e orixás” (2019), entre outros.

² Retirado do site da Academia de Letras da Bahia.

³ Site linguagens.ufba.br.

4. *Panorama da obra “Poemas de terreiro e orixás”*

Especificamente em “Poemas de terreiro e orixás” (2019), Cyro de Mattos explora a cultura afro-brasileira e as características dos orixás. O livro é composto por 96 páginas e dividido em duas partes, sendo elas: “Poemas de terreiro” e “Poemas de orixás”.

A primeira parte da obra literária é composta por 33 poemas, descrito por: Abolição; Canga; Pelourinho; Escravo; Ferro de passar roupa; História do Corre-Costa; Quilombo; Candomblé; Damiana do Keto; Barraca; Preto Domingos; Festa; Zumbi; Capoeira; Mestre Bimba; África; Severina Nigeriana; Negrinha Benedita; Nação; Voz do Negro; Virgindade; Ama de Leite; Navio Negreiro; Casos de Terreiro; Banzo; Sagrada Colina; Rainha Menininha; Mãe Stella de Oxossi; A Baiana e o Abará; Negra Damor; Maria Dalegria; Alguns momentos; O canto impossível. A segunda parte tem 19 poemas, cada poema é intitulado por uma representação de axé e descreve suas características e personalidades, sendo eles: Orixá; Exu; Oxalá; Ogum; Iemanjá; Oxossi; Oxum; Xangô; Iansã; Ibejes; Omolu; Obaluaê; Ifá; Oxumaré; Nanã; Ossaim; Boiadeiro; Vovó Maria Conga; Iroko.

Além disso, o escritor Cyro de Mattos disponibiliza um glossário que facilita o entendimento dos poemas com palavras que são de origens de matrizes africanas. Ao final o autor acrescenta um tópico com sugestões de leituras, sua biobibliografia, algumas obras que têm relação com seus poemas, e algumas opiniões de pessoas que já leram as poesias de sua autoria. Os poemas que compõem o livro refletem sobre as crenças e as características da cultura afro-baiana; uma escrita comovente que aborda as histórias, os costumes, os saberes, a resistência e a vida. Apesar de ter alguns poemas que retratam momentos tristes, também tem outros que mostram a beleza e o encantamento.

Cyro de Mattos inicia a primeira parte de sua obra com um poema que retrata a abolição da escravatura. Nele, os negros batucam seus tambores no terreiro, erguendo seus punhos marcados pelo suor, pelas lágrimas e pelo sangue. A luta pela liberdade se desenha como uma África unificada por uma única voz, pois todos compartilham o mesmo anseio: romper as correntes e abandonar o “ferro do vilão”, a opressão imposta pelos senhores brancos das fazendas.

Os poemas de Cyro de Mattos transportam o leitor para a realidade cruel da escravidão, descrevendo com intensidade o sofrimento dos negros: músculos mutilados, mãos feridas, uma dor que não tem cura. O autor recorda a tão dolorosa crueldade da época, lembrando que, apesar da passagem do tempo, as cicatrizes permanecem marcadas nos corpos e na memória.

A obra também faz referência ao Pelourinho, em Salvador, na Bahia, onde escravizados eram impiedosamente torturados e outras pessoas olhavam com tristeza sem poder fazer nada para inverter aquela situação.

Como suportar?
Treze... trinta... cinquenta...
até o último gemido.

Os outros olhando
cada chibatada. Tristes,
sem nada fazer.
[...] (Mattos, 2019, p. 15)

Cyro de Mattos resgata a força dos seus antepassados ao narrar a resistência negra contra a opressão. Em versos como: “Ferro nos pés, mãos na carne viva chiando, o coração sangrando” (Mattos, 2019, p.17), evidencia o sofrimento daqueles que tiveram suas vidas marcadas por condições de trabalho forçado, ou seja, sendo escravizados. Contudo, a obra também celebra a riqueza da cultura afro-brasileira. No poema “Quilombo”, o autor descreve o dia a dia dos quilombolas por meio da pesca, da caça, do cultivo da terra e dos temperos que carregam verdadeiros traços de identidade. Ele ressalta que, apesar das adversidades, há vida e alegria na resistência: “Ser quilombo é o batuque vindo d’África nesse pedaço de mim” (Mattos, 2019, p.19). O autor ainda deixa explícito que nem tudo é tristeza, pois ser quilombola é encontrar um espaço onde a vida não é pautada pelo medo constante da morte.

O candomblé, religião de matriz africana, também é exaltado na obra. Segundo o autor, aquele que cultiva a paz e o respeito pode conhecer e conversar com os orixás. A cultura afro-brasileira se manifesta em danças, cânticos, culinária, rituais, segredos e cores, assim como na capoeira, que através de seu gingado e ritmos preserva a identidade desse povo. Cyro de Mattos homenageia figuras marcantes da cultura negra, como Preto Domingos, Zumbi dos Palmares, Mestre Bimba, Negrinha Benedita, Rainha Menininha e Mãe Stella de Oxossi. Além disso, denuncia os abusos da época nos poemas “Virgindade” e “Ama de leite”, abordando as violências sofridas por mulheres negras.

Outro poema presente na obra literária é aquele que fala sobre o navio negreiro, onde os negros enfrentaram perseguições, fome, sede e profunda solidão. O autor lembra também a existência do “Banzo”, uma enfermidade mental que levava muitos escravizados à morte por conta da saudade da sua morada, da sua cultura e do seu lar: “Dá pena quando ouço essa voz de África com o brilho forte do sol, o que ficou para trás. Dá vontade de sumir” (Mattos, 2019, p. 42).

Quando o autor coloca nessa parte inicial o título “Poemas de Terreiro” é porque no terreiro é falada a história dos seus antepassados sobre a trajetória da resistência negra na luta por seus direitos. Vemos que, por meio da poesia, Cyro de Mattos reconstrói essa história, mostrando em seus versos momentos de dor, sofrimento, força e indignação. O povo negro correndo para não morrer, passando fome e sede, mas com a esperança de terem dias melhores. São gritos e feridas nas mãos. Cyro de Mattos também faz queixa que a Europa não enxerga como é para um menino negro nascer nessa terrível viagem suicida do navio negreiro. Contudo, o autor retrata e enaltece a cultura afro-brasileira através das danças, cantos, comidas típicas e da presença dos orixás.

Por se tratar de poemas fica ainda mais atrativa analisar a obra, pois o autor Cyro de Mattos na segunda parte do livro “Poemas de Orixás” nomeou cada poema com o nome de um orixá, descrevendo suas características e personalidades, que será analisada neste artigo.

5. Análise das representações dos orixás na obra

A análise foi realizada com base no livro *Candomblés na Bahia*, de Il-dásio Tavares (2000) e no artigo “Deuses africanos no Brasil”, de Reginaldo Prandi (1997), onde os autores descrevem as características dos orixás do Candomblé. Dessa forma, para melhor entendimento, foi feito uma análise de cada orixá de acordo com Tavares (2000) e Prandi (1997) relacionando com o trecho retirado da obra de Cyro de Mattos.

Prandi (1997) relata que

Segundo o candomblé, cada pessoa pertence a um deus determinado, que é o senhor de sua cabeça e mente e de quem herda características físicas e de personalidade. [...] A cada um destes cabe o papel de reger e controlar forças da natureza e aspectos do mundo, da sociedade e da pessoa humana. Cada um tem suas próprias características, elementos naturais, cores simbólicas, vestuário, músicas, alimentos, bebidas, além de se caracterizar por ênfase em certos traços de personalidade, desejos, defeitos, etc. (Prandi, 1997, p. 12)

Então, entende-se que no candomblé, cada pessoa é associada a um orixá. As características físicas e os traços de personalidades são herdados de seu orixá. Em outra passagem do texto Prandi (1997) comenta:

O candomblé ensina, sobretudo, que antes de se louvarem os deuses, é imperativo louvar a própria cabeça; ninguém terá um deus forte se não estiver bem consigo mesmo, como ensina o dito tantas vezes repetidos nos candomblés: “Ori buruku kossi orixá”, ou “Cabeça ruim não tem orixá”. (Prandi, 1997, p. 30)

Cyro de Mattos (2019) apresenta um poema intitulado “orixá” descrevendo o seu significado pelas seguintes palavras:

Ouve a queixa,
aconselha.
Dá remédio,
concede graça.
Abre caminhos,
desfaz quizília⁴.
[...]
(Mattos, 2019, p.57)

Esse poema apresenta as funções do orixá que é uma divindade que escuta, orienta e transforma, eliminando as energias negativas e conflitos, abrindo novos caminhos para a paz espiritual. Serão analisadas as representações dos orixás nos poemas: Exu, Oxalá, Ogum, Iemanjá, Oxossi, Oxum, Xangô, Iansã e Ossaim. A ordem apresentada segue a sequência dos poemas do livro, de Exu até Iansã. Embora antes de Ossaim haja outros poemas, este artigo se concentrará apenas nos orixás citados anteriormente.

5.1.Exu

Exu é “uma figura dominante em todo o candomblé do Brasil [...] é tão universal no candomblé que podemos dizer que sem ele não existe candomblé. Exu é responsável pelo funcionamento de tudo no candomblé, desde sua presença como mensageiro dos orixás para os homens, completando-se com seu papel de mensageiro dos homens para os orixás” (Tavares, 2000, p. 113). Exu é considerado o orixá primogênito e o principal do Candomblé, suas cores são vermelhas e pretas, ele é nomeado como mensageiro e existe uma cerimônia exclusiva só para ele, conhecida como Padê. Muitos o caracterizam como algo ruim e mal, comparando-o com o Diabo. Porém, Exu não é uma entidade maléfica. “Exu é uma divindade protetora. [...] Todas essas tentativas de caracterizar Exu de forma satânica advém da estratégia oficial para desmoralizar a religião” (Tavares, 2000, p. 117). Através dessa descrição podemos entender o que Cyro de Mattos traz no poema a seguir:

Exu
[...]
Vermelho e preto usa,
do padê na segunda
farofa, cachaça, dendê.
Tem que ter, há de ser,

⁴ Quizília: Pendência. Antipatia. Aversão do orixá por alguma coisa e, por extensão, às suas filhas. (Retirado do glossário que tem no final do livro “Poemas de terreiro e orixás”, p. 87).

é bom não esquecer.

De boa vontade leva
súplicas para os céus
dos humanos em dó.
Diabo não é. Dizem que é.
Diabo é o pai de santo
que se serve de Exu como é.
(Mattos, 2019, p.58)

5.2. Oxalá

Oxalá é apresentado no poema pelas seguintes palavras: “nuvem mansa, branca morada, serena porção na benção dada. O muito sem Deus no mundo é nada, o pouco com Deus é o muito que sobra. [...] Com essa pomba na concha da mão, nesse abraço dado de bom coração” (Mattos, 2019, p.59). Oxalá é o pai de todos e o mais poderoso, o Deus da criação. Ele é associado com o santo da igreja católica, Jesus Cristo. Oxalá tem duas qualidades: o velho Oxalufã e o jovem Oxaguiã. Tem como instrumento principal um cajado, chamado de Opaxorô, e por cima tem uma pomba. Sua cor é branca e seu dia na semana é sexta-feira. Ele não gosta das cores vermelho e preto (Tavares, 2000).

5.3. Ogum

Ogum é “o orixá do ferro e dos caminhos. Sua função é remover todos os obstáculos que ponham no caminho da evolução espiritual” (Tavares, 2000, p. 61). Ele é conhecido como o Guardião da verdade e de orixá guerreiro. Além disso, “seu caminho é reto e Ogum não se curva, enfrentando sempre de cara os seus obstáculos” (Tavares, 2000, p. 63). Segundo Tavares (2000) quem é de Ogum tem muita sensibilidade e pode se transformar em Exu quando acontece algo contra o mal.

Ogum
[...]
Metal, amuleto, farol
por entre a solidão,
nunca me deixa cair
nem ficar na escuridão.

A espada empunhando
vai abrindo caminhos,
seu colaborador é Exu
na demanda contra o mal.
[...] (Mattos, 2019, p. 60)

5.4. Iemanjá

Iemanjá é “dona do mar, renda na areia, dança magia, flor de luar/ Anágua de água, prata marinha, carícia de alga, onda rainha. / Ó minha mãe, no mar aflito vem proteger-me [...]” (Mattos, 2019, p. 61). Sendo assim, Iemanjá é a “deusa dos grandes rios, dos mares, dos oceanos. Cultuada no Brasil como mãe de muitos orixás.” (Prandi, 1997, p. 15). Ela é uma figura maternal e protetora. Além disso, comemora-se o seu dia em 02 de fevereiro, às pessoas se reúnem levando presentes para jogar no mar de Salvador, Bahia. Segundo Tavares (2000) é comum Iemanjá chegar chorando, pois ela recorda das mágoas do passado. Seus instrumentos são o abebê, o leque e o espelho, que representam a vaidade e a feminilidade.

5.5. Oxossi

Cyro de Mattos relata que Oxossi é um guerreiro e caçador que utiliza arcos e flechas. Com “o arco esticado, a flecha ligeira/ que atravessa certa/ o coração da treva” (Mattos, 2019, p.62). Tavares (2000) explica que oxossi é um orixá muito importante na Bahia. É considerado o pai dos caçadores. Ele tem uma flecha ligeira, por isso este orixá não erra seu alvo, com apenas uma fechada ele acerta. Além disso, “ele serve tanto de guia ao crescimento espiritual das pessoas como protege o ambiente” (Tavares, 2000, p. 67-8). Por isso Cyro de Mattos diz:

[...]
Oxossi caçador,
Oxossi benfeitor,
Oxossi guerreador,
Oxossi vencedor.
(Mattos, 2019, p. 62)

5.6. Oxum

Oxum é vista como um orixá muito poderoso. Seu dia na semana é sábado e sua cor é amarela. Segundo Prandi (1997, p. 14) ela é a “deusa da água doce, do ouro, da fertilidade e do amor”. Na obra literária Oxum é descrita como “lindo lírio/pura água/cachos de sol/espuma formosa/carícia de leque/dengo e ouro” (Mattos, 2019, p. 63). Percebe-se, que essas características são as personalidades deste orixá. Quando é citado leque, esse é o instrumento de Oxum, chamado abebê.

5.7.Xangô

Xangô é o orixá do fogo e dos trovões. Suas contas são vermelho e branco. O branco corresponde a um sinal de paternidade, de Oxalá. Além de ser um orixá dinâmico, está associado à vida, ao amor e à justiça. Ele odeia a morte e suas piores quizilas são eguns, os espíritos mortos. Xangô já teve várias mulheres, como Obá, Oxum e Iansã, a sua favorita. Segundo Tavares (2000): “as danças de Xangô vão desde coreografias cadenciadas até o alujá, toque típico em que Xangô empolga o barracão com seus passos acrobáticos” (Tavares, 2000, p. 85). O seu animal preferido é o carneiro, mas também gosta muito de cágado, porque parece uma pedra de um raio. Além disso, servem para este orixá toda quarta-feira um prato chamado de amalá feito com quiabos, que é semelhante ao caruru. Sua festa se comemora no dia 21 de junho. Xangô tem 12 Obás ou ministros que andam em sua volta, sendo seis de cada lado. Cyro de Mattos descreve esse orixá:

Xangô
Vermelho e branco
brilham no rei de Oiô.
De obás assessorado,
seis de cada lado.

Teve muitas esposas.
Regala-se com carneiro,
Galinha- d' angola, cágado
caruru, muito dendê.

Ao toque do alujá⁵ [...] (Mattos, 2019, p.64)

5.8.Iansã

Iansã é apresentada com as seguintes palavras no poema: “Destemida venceu na peleja o marido. / Aguerida natureza, nem de eguns tem medo. / Raios, trovões na Casa maneja. / Gritos lancinantes no ritmo do ilu./ [...] Rainha de Báli [...]” (Mattos, 2019, p.65). Analisando essas frases, segundo Tavares (2000), Iansã é a esposa e a alma gêmea de Xangô. Já que ela é o vento e Xangô é o fogo, juntos tem uma relação de cumplicidade. Ela é guerreira e não tem medo dos eguns, alma dos mortos, já que é Iansã “[...] que conduz os espíritos de um mundo ao outro quando o espírito deixa o corpo” (Tavares, 2000, p. 94). Com isso, vemos que ela é quem faz essa ligação entre a vida e a morte. No ritmo de ilu, quer dizer “[...] a dança característica de Iansã, ritmo contagiante também chamado de quebra-prato, provoca gri-

⁵ Alujá: toque de atabaque característico para Xangô. (Retirado do glossário que tem no final do livro “Poemas de terreiro e orixás”, p.81)

tos de entusiasmo entre os aspectos que acompanham os tambores batendo palmas e saudando a orixá” (Tavares, 2000, p. 97). E quando é citada a expressão “Rainha de Báli” quer dizer que Iansã é a rainha do cemitério.

Relacionando com Tavares (2000), Prandi (1997) também traz um pouco sobre esse orixá: “Iansã ou Oiá – Deusa dos raios, dos ventos e das tempestades. É a esposa de Xangô que o acompanha na guerra. Orixá guerreira que leva a alma dos mortos ao outro mundo” (Prandi, 1997, p. 15).

5.9. Ossaim

Ossaim é orixá das folhas, suas cores são verde e branco. Ele é responsável pela vegetação do mundo, ou seja, pela fotossíntese. Cyro Mattos descreve que “[...] De igual valor/como o incenso/como o médico/e o farmacêutico. / Razões de cura, Ossaim é a folha do candomblé que se banha” (Mattos, 2019, p. 74). Segundo Tavares (2000), “[...] como senhor das folhas, ele vem a ser o médico, o orixá que cuida da saúde porque sabe prescrever a folha certa para cada doença” (Tavares, 2000, p. 77). Além disso, respeitando a natureza, só pode tirar uma folha com a permissão de Ossaim, logo é necessário fazer um ritual para pedir licença. No candomblé o banho de folhas tem a função de descarregar as más energias e de reforçar o santo da cabeça. E como diz Tavares (2000) através do provérbio nagô Kossi ewê Kossi Orixá – sem folha não existe orixá.

6. Considerações finais

Assim, percebemos como a mitologia afro-brasileira e a literatura de axé são fundamentais na preservação e valorização da cultura e da identidade afro-brasileiras, além de ser uma forma de se expressar e de mostrar a resistência cultural. Outrossim, os mitos servem como narrativas verdadeiras e significativas para entender como essas histórias influenciam os comportamentos, os valores, as crenças dentro dos grupos e comunidades, sendo também uma maneira de interpretar as relações sociais que acontecem no mundo.

Embora Cyro de Mattos não seja considerado um escritor de axé, sua obra “Poemas de terreiro e orixás” (2019) explora a riqueza dessa religião, sem deixar de preservar os segredos, refletindo sobre a espiritualidade dos orixás, promovendo uma compreensão para aqueles que não entendem e também uma forma de valorizar a herança cultural afro-brasileira e afro-baiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Cyro de Mattos – Biografia. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.org.br/profile/cyro-de-mattos/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

LEITE, Gildeci de Oliveira. Literatura e Mitologia Afro-baiana: encantos e percalços. In: Recôncavo da Bahia Educação, Cultura e Sociedade (Org.). Amargosa-BA: UFRB, 2007.

_____. Autores e autoras de axé. In: LUZ, Marco Aurélio; LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio (Orgs). *Pensamento insurgente*. Salvador: Edufba, 2018. v. 01, p. 135-47

_____. *A Literatura e o Audiovisual de axé*. Revista Internacional de Língua e Linguística, 2024. Disponível em: <https://www.ijllnet.com/journal/index/2721>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MATTOS, Cyro de. *Poemas de Terreiro e Orixás*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.

PRANDI, Reginaldo. Deuses africanos no Brasil. In: PRANDI, R. *Herdeiras do axé*. São Paulo: Hucitec, 1997. p.1-50

TAVARES, Ildásio. *Candomblés na Bahia*. Salvador: Palmares, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Cyro de Mattos. *Linguagens.ufba*. Disponível em: https://linguagens.ufba.br/textos_diversos/cyro-de-mattos.html. Acesso em: 14 abr. 2025.